

Experimentação e tendências tipográficas: uma experiência de ensino remoto de uma disciplina prática durante a pandemia de Covid-19

Experimentation and typographic trends: an experience of remote teaching of a practical discipline during Covid-19 pandemic

Isabella Ribeiro Aragão

experimentação tipográfica, ensino remoto, experiência

A pandemia apresentou um desafio nos cursos de graduação, em especial, no que diz respeito à oferta de aulas práticas no modo remoto. Este artigo, portanto, aborda tanto a adaptação de uma disciplina presencial de caráter experimental para fins que ultrapassem a aprendizagem de técnicas manuais de produção de artefatos gráficos, também aplicadas em projetos da área do Design da Informação; quanto a avaliação sob a perspectiva do conceito de experiência proposto por Larrosa (2020). Dessa forma, a dinâmica de testar diferentes técnicas sem se preocupar com os resultados, entre outros fatores, possibilitou engajamento e vivências individuais.

Typographic experimentation, remote teaching, experience

The pandemic presented a challenge in undergraduate courses, in particular, with regard to the teaching of practical classes in remote mode. This article, therefore, addresses both the adaptation of a face-to-face course of experimental character for purposes that go beyond the learning of manual techniques for the production of graphic artifacts, also applied in projects in the area of information design; as for the evaluation under the perspective of the concept of experience proposed by Larrosa (2020). Thus, the dynamics of testing different techniques without worrying about the result, among others factors, enabled engagement and individual experiences.

1 Introdução

O isolamento devido à pandemia do Covid-19 levou professores e estudantes do ensino presencial a trocarem as salas de aula e os ambientes das universidades pelas telas dos computadores e os espaços privados de suas casas. Nesse contexto, os envolvidos tiveram que lidar tanto com as adaptações das disciplinas – em geral, sem muito conhecimento do ensino à distância – quanto questões pessoais decorrentes da pandemia.

Se conteúdos teóricos poderiam ser trabalhados por meio de aulas expositivas, leituras de textos, discussões em grupo, entre outros; o que fazer com aulas práticas, usualmente vivenciadas na universidade e dependentes do manejo de instrumentos e materiais?

Na retomada do semestre 2020.1, em formato remoto, a UFPE instaurou a possibilidade de ajustes às disciplinas iniciadas: “Caberá aos docentes a atualização do cronograma de aulas, bem como da metodologia e forma de avaliação, adequando para o formato de aulas remotas quando for necessário” (CEPE, 2020).

Após uma conversa consultiva com três estudantes que participaram das primeiras aulas da disciplina Experimentação e tendências tipográficas antes da suspensão, constatei que a oferta poderia ser benéfica ao proporcionar uma pausa na vida mediada pelo computador através de exercícios manuais de desenho e recorte de letras, por exemplo.

Esse artigo, portanto, apresenta uma experiência de ensino remoto de uma disciplina prática cuja pretensão de desenvolver técnicas e estéticas da área tipográfica está direcionada, em especial, ao futuro profissional que deseja executar manualmente uma parte de seus trabalhos autorais; assim como empregá-las em projetos associados à área do Design da Informação, como as matérias da *Revista Saúde* (figura 1), cujos títulos foram originalmente, nesta ordem, desenhados com giz e bordado.

Figura 1: Matérias da *Revista Saúde*.



Larrosa (2020) propõe que a área de educação abandone os pares ciência/técnica e teoria/prática para pensar num ensino que leve em consideração o par experiência/sentido. Um dos significados da palavra *experiência* apresentado pelo autor – “um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (ibid., p.26) – condiz com a proposta da disciplina de apresentar diferentes técnicas para os estudantes experimentarem.

Após refletir sobre experiência à luz dos conceitos do autor (ibid.), apresentarei o planejamento e andamento da disciplina na versão remota, para em seguida examiná-la, principalmente, por meio das respostas anônimas de um formulário.

2 O conceito de experiência de Larrosa

Para Larrosa (2020), o conceito de experiência permite que se pense a educação sem focar em seu caráter científico e político: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca” (ibid., p.18).

Com um olhar crítico para a sociedade contemporânea que prioriza tanto a busca incessante de informação quanto a obrigação de opinião, sem mencionar a falta de tempo para fazer as coisas, o autor (ibid.) pondera que experiências se tornam cada vez mais raras. Se levarmos em consideração que a educação deve transformar professores e estudantes, e fazer sentido em seus mundos particulares, também precisamos refletir sobre esses fatores. Segundo Larrosa (ibid.), aplica-se a mesma dinâmica advinda dos meios de comunicação em sala de aula por meio da aprendizagem significativa – primeiro a informação e depois a opinião crítica – e segue-se a mesma velocidade na formação – com atualizações, reciclagens sem fim, cursos numerosos e curtos, por exemplo. Entretanto, estudantes muito preocupados em se informar, opinar e ainda sem tempo não vivenciam experiências visto que

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2020, p.25)

A experiência, portanto, demanda da pessoa uma relação diferente, em especial, com ela mesma. Larrosa (ibid.) comenta que o sujeito da experiência deve ser exposto, aberto, receptivo e passional para que os acontecimentos lhe afetem e causem efeito; e, em consequência, possa adquirir um saber que não está relacionado com saber científico, mas sim com o sentido singular que damos as coisas que nos acontecem, um conhecimento que precisa fazer e ser sentido.

Suas reflexões sobre experiência tencionam a área da educação na medida em que ela segue o curso da sociedade contemporânea, sem pretensão de soluções. Para Larrosa (2020),

(...) não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; que a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; que a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; em que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta. (Larrosa, 2020, p.13)

Experimentação e tendências tipográficas não foi planejada nem adaptada para criar experiências. Como a edição remota teve a premissa de testar diversos experimentos, fui percebendo ao longo do semestre que o difícil momento de isolamento da pandemia – vida que *treme, quebra e desfalece* –, talvez, estivesse propiciando acontecimentos no sentido exposto pelo autor (ibid.), em especial, por meio de técnicas manuais como práticas pedagógicas.

3 Experimentação de tendências tipográficas

Experimentação e tendências tipográficas é o nome fantasia associado à disciplina optativa DD024 Design e Tecnologia F do curso de Design da UFPE, cujo tema principal, tipografia – em seu sentido amplo de materialização da linguagem verbal –, é abordado de forma prática

no intuito de experimentar técnicas de produção/materiais artesanais e manuais, assim como tendências estéticas atuais. Com as práticas e estéticas estudadas, espera-se que os alunos estejam atualizados com a produção recente da área tipográfica.

Nas duas últimas edições anteriores, em 2016 e 2017, as aulas foram direcionadas para o desenvolvimento de dois projetos, o primeiro para exercitar a produção de letras em grande escala, como o letreiramento feito com giz em uma painel de 2 X 1,5m (figura 2) do semestre de 2016, e o segundo para praticar a técnica de composição e impressão tipográfica.

Figura 2: Estudantes do semestre 2016 executando o letreiramento com giz.



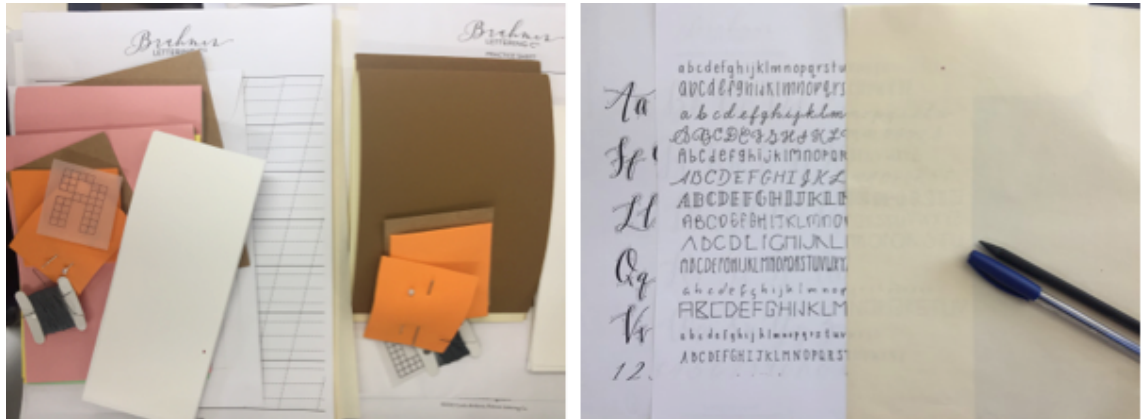
A adaptação para o ensino remoto

Na edição remota ofertada por mim na retomada do semestre de 2020.1, entre 27.01.21 e 28.04.21, decidi adaptar essa dinâmica dividindo as 60h em doze aulas de 5h no intuito de proporcionar aos discentes um contato, muitas vezes inicial, com cinco diferentes técnicas e estéticas que poderiam ser aplicadas em conjunto no último exercício inspirado no movimento da Arte postal: letras feitas com objetos, letreiramento com lápis e caneta, recorte de letras em papel, letras carimbadas, e letras bordadas em papel.

Essa adaptação não comprometeu muito o conteúdo pré-estabelecido – tipografia em grande escala, materiais experimentais na produção gráfica, tendências tipográficas e designers gráficos atuais – exceto a composição e impressão com tipos móveis, que depende dos materiais e máquinas do Laboratório de Práticas Gráficas (LPG), local das outras edições.

Para viabilizar a execução das atividades propostas, organizei um kit (figura 3) com diversos papéis e materiais que tinham no LPG. O reaproveitamento dos materiais, em conjunto com minha aproximação com as técnicas, determinou os limites e parâmetros dos exercícios, conforme veremos mais adiante.

Figura 3: Materiais presentes no kit da disciplina.



Como o tempo determinado era curto para aprimorar técnicas que, geralmente, necessitam de muita habilidade manual, os estudantes não foram cobrados em relação ao resultado final dos exercícios. A avaliação levou em consideração apenas a execução dos projetos dentro dos parâmetros estabelecidos.

Assim, esperava que eles não ficassem preocupadas com o fim, nem estressados em chegar a certos níveis projetuais durante a pandemia; ao contrário, gostaria que focassem sua atenção ao meio e experimentassem cada técnica individualmente. Para tanto, dividi as dozes aulas em seis blocos da seguinte forma:

- a) Aula 1 – pesquisa de referências sobre a temática (1h – assíncrona), participação de convidados (1h – síncrona) e execução de projeto (3h – assíncrona);
- b) Aula 2 – execução (4h – assíncrona) e apresentação do projeto (1h – síncrona).

Com a alocação da maioria das horas/aulas assíncronas para que pudessem praticar e executar os projetos, as poucas aulas síncronas, realizadas no Meet do Google Classroom, foram destinadas à explicação dos exercícios e conversas com convidados e também entre eles. As entregas dos projetos digitalizados foram feitas na plataforma de armazenamento da sala do Classroom, com apresentação espontânea no horário síncrono da aula 2.

Entre as aulas (às quarta-feiras) de cada bloco, ou seja, a definição e entrega dos projetos, estabeleci um teste¹ de baixa complexidade com a técnica do momento. Assim, os estudantes tinham que executar e postar o exercício no mural do Classroom até a sexta-feira após a primeira aula de cada bloco.

A partir das primeiras postagens, pelos comentários espontâneos surgidos, passei a incentivar que os testes fossem acompanhados com sugestões de execução derivadas dos processos individuais. Portanto, o mural acabou se transformando em mais um espaço de interação entre nós no intervalo dos encontros síncronos. Vale ressaltar que tanto os testes quanto os projetos poderiam ser entregues até o último dia de aula.

Todos os convidados tinham uma relação estudantil e/ou profissional com Recife. Larissa Rodrigues e Lin Mei Chian (letreiramento), Petrônio Cunha (recorte), e Amanda Pereira e David

¹ É relevante informar que todos os testes também foram realizadas por mim, assim consegui mensurar se caberia no

Shamá (arte postal) residem na cidade; Lin Diniz (carimbo) e Isabela Alves (bordado), apesar de terem estudado na UFPE, estabeleceram suas vidas profissionais em São Paulo. Dessa forma, almejava inspirar a turma com *conterrâneos* que seguiram caminhos coerentes com as habilidades exercitadas em sala.

As técnicas

Na técnica 1, intitulada objeto, os estudantes primeiro testaram a execução de uma letra de pelo menos um metro com objetos que tinham em casa e posteriormente escreveram uma palavra com os mesmos requisitos. Apesar de alguns objetos terem se repetido, como plantas, livros e rolhas de cortiça; a turma conseguiu uma grande variedade material, como frutas e verduras, ferramentas (figura 4), velas, telhas, roupas, etc. Enquanto alguns discentes testaram mais de um objeto, outros já finalizaram o projeto ao escrever um palavra no momento do teste.

Figura 4: Exemplos de projetos de objeto.



Na técnica 2, de letreiramento, os estudantes deveriam fazer um teste à lápis com seu nome (ou apelido) sobrepondo um papel mais fino sobre, ou seguindo, o desenho da caligrafia moderna, de Brahmin lettering (figura 5). Muitos discentes praticaram mais de uma vez, escreveram nome, sobrenome ou apelido, e até desenharam as letras separadamente antes de finalizar.

Figura 5: Exemplos de testes de letreiramento.



O projeto 2 consistiu em uma arte de letreiramento no tamanho A4 inspirada nos trabalhos das convidadas, com texto entre três e cinco palavras, e realizada com os instrumentos de desenho que tinham em casa. Para tanto, uma das palavras deveria ser feita com a caligrafia moderna praticada anteriormente, e as demais poderiam seguir outras referências de desenhos de letras disponibilizados. A maioria dos projetos entregues utilizaram uma combinação de texto, imagens e/ou outros elementos gráficos; e uma boa parte finalizou com cores (figura 6).

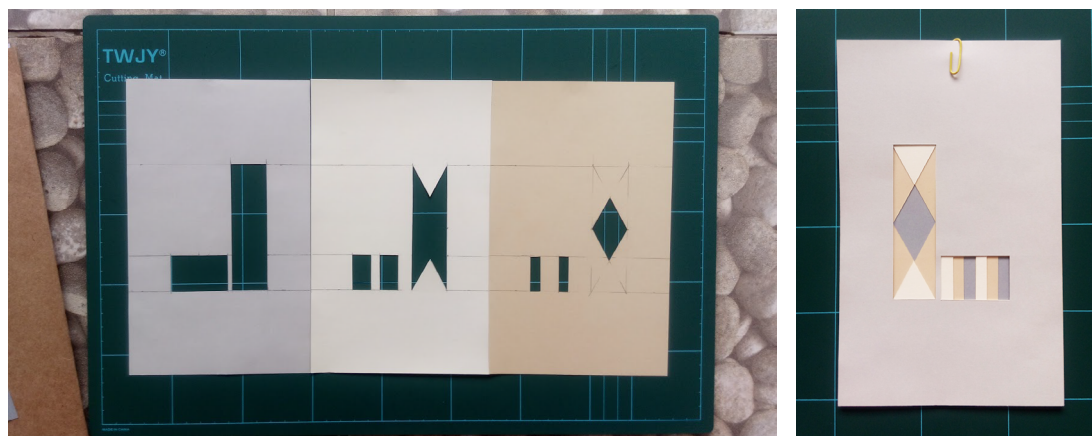
Figura 6: Exemplos de projetos de letreiramento.



A técnica 3, de recorte, consistiu em um teste da letra L construída pelo vazado de três papéis – cada kit continha uma combinação harmoniosa de quatro papéis com cores diferentes – nas dimensões 9 x 6,5 cm em modelo pré-estabelecido por mim (figura 7). A maioria dos

testes foram acompanhados por dicas sobre a feitura do exercício, como traçar o desenho espelhado no verso da folha para não ter que apagar, e indicar as áreas a serem cortadas.

Figura 7: Exemplos de testes do recorte.



Para o projeto final, cada um deveria escolher uma letra do catálogo de tipos de madeira *Specimens of chromatic wood type and borders*², da Wm. H. Page & Co., para recortar em tamanho livre nos papéis enviados com planejamento da melhor sequência de cores. As soluções encontradas também variaram no que concerne ao desenho das letras (figura 8).

Figura 8: Exemplos de projetos do recorte.



A técnica 4 sobre carimbo foi a mais desafiadora pela necessidade do uso de tinta. Como muitos não tinham esse material em casa, decidimos pela produção de tinta natural seguindo informações e vídeos encontradas na web à base de cola branca ou água. O teste consistiu em criar um módulo de uma letra, sem se preocupar muito com a legibilidade, de carimbo de papelão, preferencialmente usando o rolo do papel higiênico, para fazer uma arte final de *rapport salto* numa folha de tamanho A4 (figura 9).

² Disponível em http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd_10147342_000/

Figura 9: Exemplos de testes do carimbo.



O exercício estimulou uma variedade de insumos para confecção das tintas – nescau, café, açafrão, páprica, cúrcuma, spirulina, beterraba, entre outros. Embora tenha solicitado apenas uma opção, vários discentes produziram mais de uma cor de tinta, assim como aumentaram a geração de padrões.

Para o projeto do carimbo (figura 10), eles deveriam criar uma arte temática mais abstrata com letras carimbadas e formas desenhadas em pontilhismo ou linhas em uma tira de papel de tamanho 54 x 7,2 cm já enviada com duas dobras, os desenhos foram inspirados na estética da convidada. Mais uma vez a *palavra* não precisava ser legível, e ficou livre o uso de outro material para matriz e tinta. Para as formas, indiquei que se inspirassem no trabalho de Lin Diniz e na exposição de Carimbos do artista pernambucano José Claudio, cujos registros são fáceis de encontrar na web, além de outras referências pesquisadas.

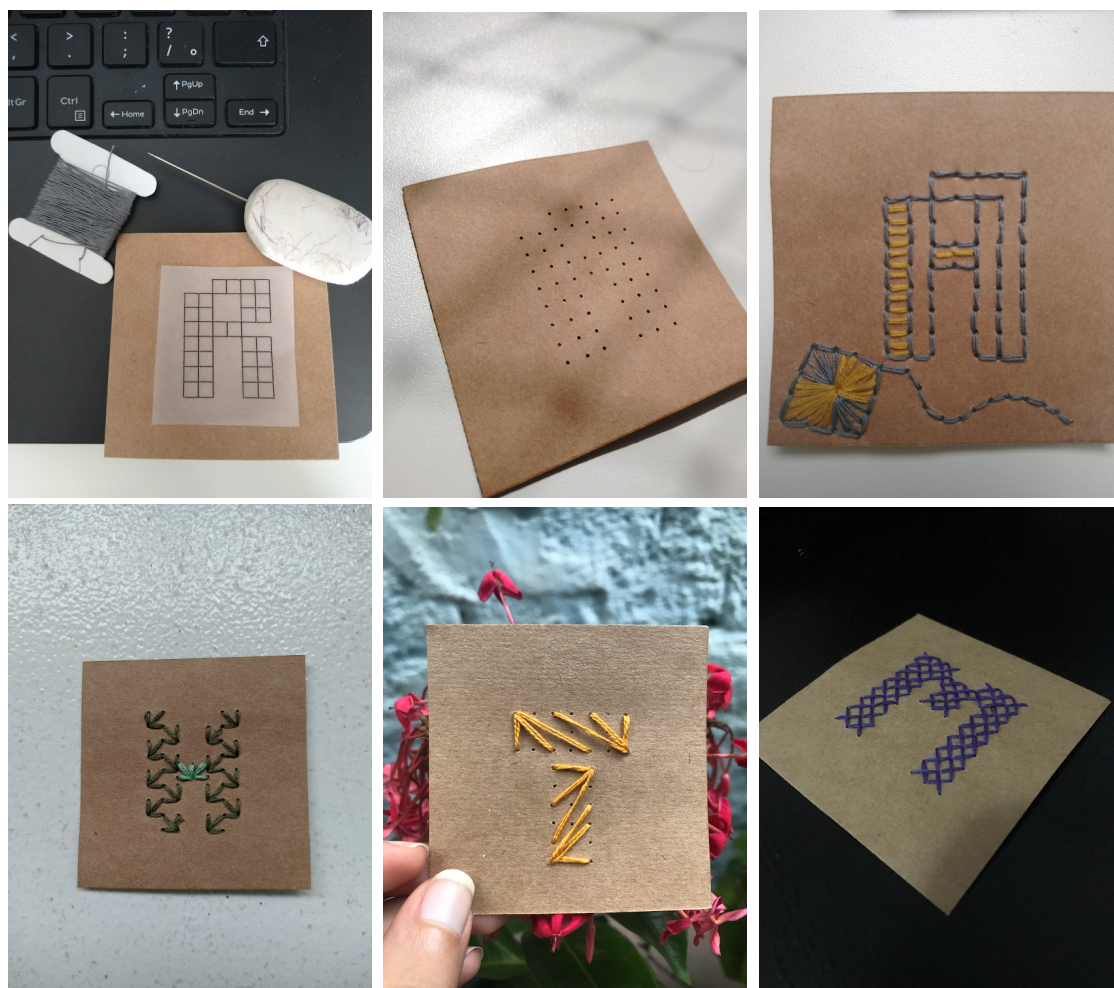
Figura 10: Exemplos de projetos do carimbo.



A técnica de carimbar e desenhar com pontos ou linhas, em conjunto com as especificações do projeto suscitaram uma gama de estéticas, conforme pode ser percebido nos exemplos acima.

Para a técnica derradeira, de bordado, todos deveriam testar o bordado em papel em um quadrado de 7 cm de papel Kraft, usando como molde uma letra em papel vegetal enviada no kit. O bordado em papel demanda furos estabelecidos a priori, então, os discentes poderiam tanto seguir livremente o modelo e usar apenas algumas marcações como fazer um traçado mais planejado. Alguns vídeos também foram indicados para auxiliar aqueles que nunca tinham entrado em contato com a técnica.

Figura 11: Exemplos de testes do bordado.



O projeto, por sua vez, demandou criar uma arte bordada, sem a necessidade de executar letras, no papel kraft ou couché fosco A5 do kit, ou ainda em qualquer outro, como foto ou capa de revista (figura 12). Dessa forma, o exercício igualmente poderia resultar em interferência em outros impressos. As duas possibilidades foram exploradas pela turma, gerando uma grande variedade de projetos.

Figura 12: Exemplos de projetos do bordado.



A ideia do projeto 6 surgiu do TCC *O caminho de volta: correspondência tipográfica*, em que Amanda Pereira (2019) conjugou a técnica de composição e impressão tipográfica com a expressão artística denominada Arte postal. Na disciplina, todos os estudantes deveriam criar um postal, dessa vez sem teste, usando uma ou mais técnicas estudadas, preferencialmente, no papel couché fosco A5, envelope e selo do kit.

Os postais daqueles que tiveram condições de colocar em caixas dos correios foram enviados para destinatários indicados por mim à medida que a entrega era feita sigilosamente por email. As peças tiveram resultados diversos coerentemente com as práticas propostas pela disciplina. Enquanto poucos estudantes utilizaram apenas uma técnica, em geral, letreiramento ou bordado, grande parte da turma finalizou o artefato com uma mistura de materiais (figura 13).

Figura 13: Exemplos de projetos da Arte postal.



A avaliação

A fim de tecer reflexões acerca da disciplina explicitada acima, levei em consideração os seguintes fatores: desistência de alunos, entrega dos exercícios, engajamento nas atividades, postagens e comentários no mural do Classroom, e vinte respostas anônimas de um formulário de avaliação³ feito por mim.

Dos vinte e cinco estudantes matriculados, um nunca apareceu e outra desistiu após a primeira aula mesmo tendo pego o kit. No que concerne à entrega dos exercícios, no dia 31 de março, início do último projeto, conferi o drive e informei a todos os testes e projetos faltosos para que eles pudessem se planejar na reta final do semestre. Ao comparar a quantidade de entregas até as últimas aulas da disciplina, expostas na tabela 1, é possível perceber que houve uma queda gradativa de entregas entre o primeiro (86%) e o quinto projeto (39%).

³ Este último consistiu das seguintes perguntas: 1) Que nota você daria a disciplina?, resposta entre 0 e 10; 2) Em média, qual o nível de satisfação com seus projetos?, resposta de 1 a 3; 3) Quais exercícios mais gostou?, resposta aberta; 4) Qual o exercício preferido?, questão com múltipla escolha entre as cinco técnicas; além das perguntas abertas 5) O que mais te tocou na disciplina? e 6) Alguma sugestão para melhorá-la?

Tabela 1: Entrega dos exercícios.

Técnicas	Entregas até aula 11	Entrega final
Teste objeto	22	23
Projeto 1 – objeto	20	23
Teste letreiramento	21	22
Projeto 2 – letreiramento	17	23
Teste recorte	22	23
Projeto 3 – recorte	17	22
Teste carimbo	17	23
Projeto 4 – carimbo	15	23
Teste bordado	14	23
Projeto 5 – bordado	9	23
Projeto 6 – arte postal	-	21

A diminuição nas entregas ao longo do semestre não foi motivo para outras desistências, apenas quatro estudantes diferentes deixaram de realizar um dos onze exercícios propostos; ademais, o engajamento nos exercícios entregues após a aula 11 foi tão satisfatório quanto aquele empregado no decorrer das aulas. O prazo apertado de entrega não fez com que a maioria dos estudantes fossem displicentes, pelo menos pela minha avaliação; poucos são os projetos que apresentam uma simplicidade de execução.

Pelo grande quantitativo de discentes que não desistiram da disciplina e entregaram os exercícios, avalio que a queda exposta na tabela acima é mais um indicativo da necessidade de fazer trabalhos de outras disciplinas e demais afazeres – no curso da UFPE, em geral, a avaliação leva em consideração um projeto mais complexo no final das aulas –, do que uma falta de interesse à experimentação proposta. Como eles poderiam entregar todos os exercícios no fim, provavelmente, muitos priorizaram outros conteúdos. Uma das estudantes, ao postar o teste do bordado após a data proposta, comentou: “Beeem atrasada aqui, mas ultimamente estive sem tempo e só hoje depois da aula maravilhosa que tivemos [com os convidados da Arte postal], eu vim poder fazer o teste do bordado”.

Por meio dos comentários tecidos pelos estudantes espontaneamente no mural do Classroom junto com os testes, é possível refletir sobre alguns aspectos no que diz respeito à execução dos exercícios – dificuldade, satisfação, predileção, engajamento e grau de relaxamento –, assim como entendimento de fundamentos tipográficos.

Os comentários nesses teores aconteceram a partir do projeto 2 (letreiramento), conforme mencionado acima; provavelmente, meu estímulo na aula anterior, as apresentações do projeto 1 e o entrosamento da turma após as primeiras aulas foram determinantes para criar esse ambiente de trocas. Um estudante respondeu no formulário que achou “que o momento de

troca após exercício também foi muito bacana, fortaleceu e conseguiu aproximar todos mesmo sendo remoto”.

Fazer o teste do letreiramento foi, algumas vezes, descrito com dificuldade e até pedidos de socorro, conforme comentou uma estudante, “essa etapa pode ser resumida em muitos nomes e expressões pra mim, um deles: SO-COR-RO!”. Apesar dela ter mencionado, em outras palavras, que não tinha aptidão para a técnica, a maioria exercitou mais de uma vez o modelo de desenho de letras. Alguns discentes, inclusive, demonstraram contentamento com o resultado obtido e consciência que poderia melhorar com a prática.

Um único comentário mais pessoal dizendo que o teste do letreiramento foi feito com leveza ao som de marchinhas de carnaval, a meu ver, pode ser considerado um marco instaurador de relatos relacionados com a satisfação na prática das técnicas a partir do projeto 3 (recorte), com verbos como *curtir*, *gostar*, *adorar*, *amar*, *achar legal ou interessante* e *ser divertido*. Antes disso, apenas o verbo *gostar* tinha sido usado para comentar o resultado final de dois nomes desenhados.

As dificuldades continuaram sendo relatadas, mas elas eram seguidas de frases de satisfação mesmo que tenham cometido alguns erros e não tenham alcançado as expectativas individuais, como no recorte: “Achei bem interessante, porém me estressei um pouquinho kk.”, “Curti o experimento apesar do leve estresse com o estilete.”, “Gostei bastante dessa experiência com recortes, mas me deixou nervosa com a próxima, que vai ser mais complicada hahaha.”, e “Tirando a mini tensão no momento do estilete, gostei bastante do teste!”. Entre os vinte estudantes que postaram e comentaram o teste do recorte, quatorze expuseram o contentamento na realização por meio dos verbos citados acima.

Do quarto bloco em diante, os relatos de predileção de técnicas iniciaram, um estudante preferiu o carimbo e três declararam preferência pelo bordado. Os comentários também exaltaram sensações de bem-estar: “foi muito relaxante fazer o bordado, chega o tempo passou rápido”, “eu achei até um pouco relaxante”, “achei bem ~terapêutico~”, “foi terapêutico de fazer cada etapa”, “foi bem tranquilo”, “foi muito gostoso de fazer” e “foi razoavelmente tranquilo”. A expressão *relaxante* e *tranquila* só tinha sido usada uma única vez cada em referência aos testes do recorte e carimbo.

Não causou surpresa, então, que 45% dos estudantes tenham respondido o bordado como a técnica preferida da quarta questão do formulário, seguido de 25% carimbo, 20% recorte e 10% objeto. Conforme pode ser observado na tabela abaixo, grande parte dos discentes exemplificou duas ou três técnicas na pergunta aberta anterior (Quais exercícios mais gostou?). Além da soma das incidências por técnica ser coerente com as porcentagens acima, os resultados revelam que a Arte postal, que não era opção da quarta questão, foi citada duas vezes e o letreiramento quatro vezes, embora não tenha sido o preferido desses estudantes.

Tabela 2: Técnicas preferidas pelos estudantes.

Respostas	objeto	letreiramento	recorte	carimbo	bordado	arte postal
1				x ⁴	x	
2		x				
3	x				x	
4					x	x
5	x				x	
6			x			
7			x			
8	x				x	
9			x			
10				x		x
11			x	x	x	
12				x	x	
13			x		x	
14			x	x		
15				x		
16		x	x	x		
17	x				x	
18					x	
19				x	x	
20		x			x	
Total	4	3	7	7	12	2

Alguns fundamentos tipográficos também apareceram nos relatos, como o ato de desenhar os caracteres do letreiramento em detrimento da escrita; referências a anatomia e formas dos caracteres, por exemplo, eixo, inclinação e proporção; além de aspectos compositivos como espaçamento e alinhamento das letras. Um comentário, inclusive, fez referência à consistência característica de fontes tipográficas embora esse assunto se distancie do conteúdo do semestre: “as formas ficaram muito consistentes tipo uma fonte real”.

A legibilidade foi citada por alguns estudantes, direta ou indiretamente, para se referir a dificuldade de identificação de letras recortadas, carimbadas e, principalmente, bordadas. No entanto, o projeto do carimbo teve também a intenção de trabalhar os limites de legibilidade dos caracteres.

⁴ Este estudante também se referiu ao pontilhismo.

A média de avaliação da disciplina (9,8) ter sido proporcionalmente mais alta que a média de satisfação dos estudantes com seus projetos, que atingiu 2,4 no máximo de 3, pode indicar que eles ficaram satisfeitos em testar e experimentar as técnicas sem se preocupar com o resultado final. Os verbetes *experimento*, *experimentação* e *experiência* foram utilizados algumas vezes para explicar as atividades envolvidas na feitura dos testes.

Alguns assuntos foram destaques para a resposta da pergunta sobre *o que mais te tocou na disciplina*, inspirada em Larrosa (Op. Cit.), por exemplo, diversidade de técnicas, práticas manuais, individualidade e versatilidade projetual, despreocupação com erros e participação dos convidados. As conversas, pautadas pelas histórias profissionais dos sete convidados e possibilitadas pelo ensino remoto, trouxeram inspirações, dicas e aprendizados palpáveis sobre as técnicas da disciplina.

Se a dinâmica de varias técnicas permite uma escolha de preferências tão variadas – ver diversidade de combinação da tabela 2 –, em conjunto, com o que tocou alguns discentes se relacionar com a individualidade (“como cada projeto era diferente entre si, cada aluno apresentando algo de acordo com sua vivência/idéia” e “a liberdade que tivemos para executar de forma muito individual”), é possível afirmar que a disciplina, no mínimo, potencializou vivências particulares.

Alguns depoimentos também suscitaram a pandemia ao mencionar uma pausa do uso do computador em momento de isolamento, por exemplo, “o fato de durante a pandemia, onde vivemos na frente do computador, podermos parar para fazer algo manual e focar nisso”; além de adaptação, flexibilidade e compreensão. Essas respostas, mais alguns comentários no mural, utilizam termos semelhantes aos que Larrosa (ibid.) associa como determinantes para viver uma experiência, como *paciência*, *interrupção* e *atenção*.

Embora tenha percebido que a maioria dos estudantes estivessem abertos à experiência, para citar o predicado do sujeito da experiência de Larrosa (ibid.), duas respostas em particular chamaram a atenção ao demonstrar uma abertura para praticar diferentemente do que estavam acostumados: “aprender a abraçar meus erros e entender que nem todo resultado é igual. Experimentar é aprender e evoluir” e “um ponto que foi bastante comentado nas aulas era a ideia de abraçar os seus erros, algo que ficou muito fixo na minha mente e comecei a tentar pôr em prática, pois sou perfeccionista então qualquer errinho que eu cometesse em uma atividade acabava me incomodando bastante”.

Os depoimentos acima também podem ser associados a outra característica da experiência pontuada por Larrosa (ibid.), à medida que os discentes foram se sentindo mais a vontade com os erros, provavelmente, se libertavam um pouco das soluções planejadas: “posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (Larrosa, 2020, p. 34).

Apesar de alguns exercícios não terem sido tão estritos à área tipográfica, dois estudantes mencionaram o tema: “usar diferentes materiais e criar verdadeiras artes com tipografia [...] sendo criativo!” e “entender mais sobre design tipográfico”.

Por fim, no sentido exposto por Larossa (ibid.), as experiências são singulares e não podem ser medidas externamente. No entanto, algumas palavras escritas por dois estudantes para esta última pergunta demonstram que vivenciaram transformações e deram sentidos particulares à sua formação em Design, corroborando, portanto, com a visão do autor de que o saber da experiência ajuda a dar sentido a nossas próprias vidas: “As diversas formas de viver e fazer design a partir de técnicas diversas” e “Sinto que todas as pessoas e técnicas apresentadas ao longo da disciplina são referências valiosas pra vida, parece que vários caminhos vão se abrindo. Enfim, obrigada de coração por me lembrar mais uma vez a razão de eu ter entrado no curso”.

Pelo que foi exposto nos últimos parágrafos, avalio que a disciplina foi bem sucedida em *tocar* os discentes com experimentos tipográficos por diversos aspectos; inclusive em critérios subjetivos como bem-estar. Entretanto, as pouquíssimas recomendações podem ser levadas em consideração em futuras edições, como usar temáticas para as atividades ou deixar mais livre, colocar letramento mais no fim do semestre, apresentar mais técnicas, e fazer os exercícios junto com os convidados.

4 Considerações finais

Com a pandemia, grande parte de disciplinas ministradas presencialmente tiveram que se modificar para o ensino remoto. Este artigo abordou o planejamento, andamento e avaliação de uma disciplina essencialmente prática, DD024 Design e Tecnologia Y – Experimentação e tendências tipográficas.

A adaptação com poucas aulas síncronas e uma alta carga horária destinada para a execução das atividades, mais a flexibilidade de entrega e participação dos convidados, entre outros fatores, parecem ter sido determinantes para o engajamento e boa avaliação de uma disciplina prática com muitos exercícios.

A partir da minha disponibilidade e abertura para ministrá-la objetivando tanto o aprendizado do conteúdo quanto uma pausa dos computadores, alguns estudantes puderam vivenciar experiências, no sentido exposto por Larrosa (2020), com as técnicas manuais e, consequentemente, com a disciplina.

É importante evidenciar que as técnicas e estéticas apresentadas nas imagens resultantes dos experimentos, mesmo que não seja comum, também podem ser utilizadas em projetos da área do Design da Informação quando adequadas ao conteúdo, meio e público, conforme exemplificado com as matérias da *Revista Saúde*.

Agradecimento

Agradecimento especial aos estudantes pela abertura e dedicação, e a Marcus Rojo por me apresentar Jorge Larrosa em uma aula de yoga.

Referências

- CEPE. (2020). Fixa o calendário acadêmico-administrativo do ensino de graduação presencial para os exercícios de 2020 e 2021, dos três campi, no contexto da pandemia da Covid-19, e dá outras providências. Resolução n. 23/2020, de 7 de novembro de 2020. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, UFPE, Recife, p.1-19.
- Larrosa, Jorge. (2020). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pereira, Amanda. (2019). *O caminho de volta correspondência tipográfica*. TCC (Graduação). Bacharelado em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Sobre a autora

Isabella Ribeiro Aragão, Dra., UFPE, Brasil <isabella.aragao@ufpe.br>